

EDITORIAL

1. “Desejos secretos e indiscretos: a jovem homossexual – a história que segue...”, escrito por Ignácio A. Paim Filho e Raquel Moreno Garcia, nos traz a possibilidade de compreender o modo como o campo do conhecimento pode se ampliar na medida em que o autor se mostra aberto a perceber o novo em mais uma volta da espiral e, ao mesmo tempo, atreve-se a incluir esse “novo” naquilo já existente, criando, assim, uma nova verdade que se acrescenta à primeira. A jovem paciente de Freud causava turbulência na família e na sociedade vienense, abrindo espaço para a narrativa freudiana sobre a feminilidade e a sexualidade feminina, sobre o intrigante e o instigante para a psicanálise de ontem e de hoje. A adolescente e a dama, a trama edípica, o mistério das homossexualidades na subjetividade de uma época... A história segue, como assinalam os autores, e estamos frente à outra mulher, em outro contexto. A sexualidade e o desejo se manifestam de outra forma, nasceram em um corpo cindido, respondem a um aprisionamento materno mais precoce e mais fechado. O edípico se confunde e pode até se esfumçar pelas aberturas ao narcísico e à sexualidade ampliada da psicanálise. E a escolha de objeto vai surgindo enredada nas identificações mais primitivas do ser humano.
2. No artigo “Disfarces e deformação por transferência”, Laurence Kahn parte da obra de Freud, sugerindo que tanto os fenômenos oníricos quanto os transferenciais compartilham a lógica de deformação, em que os conflitos internos do paciente são mascarados, o que exige do analista uma escuta apurada para desvendar as camadas subjacentes. A autora reintroduz a ideia de “deformação por transferência”, alertando contra interpretações simplistas, que tratam os sentimentos

transferenciais como manifestações diretas de conteúdos latentes, pois esses afetos podem esconder fantasias e pulsões mais profundas e rígidas, exigindo do analista uma abordagem mais complexa. Além disso, Kahn defende a importância da primeira tópica freudiana no entendimento da dinâmica transferencial, propondo que a primeira tópica ainda oferece ferramentas valiosas para entender processos primários, como a regressão e a descondensação. A autora também aborda os desafios clínicos contemporâneos, como os casos-limite, pacientes cujo sofrimento psíquico exige uma escuta sensível às nuances transferenciais. O artigo, enriquecido com exemplos clínicos, destaca a complexidade da transferência como um campo de disfarces, oferecendo uma reflexão essencial para a prática psicanalítica atual.

3. Em “Traumatismo, memória e fantasia: a realidade psíquica”, Dominique Scarfone discute o restabelecimento da realidade do evento traumático a partir do conceito de realidade psíquica. Para tanto, o autor analisa e critica, seguindo o roteiro freudiano, as noções de “lembranças recuperadas” e de “falsas lembranças”. Scarfone afirma que, para alguns, a lembrança é a garantia de uma verdade objetiva, enquanto, para outros, é considerada falsa e desprovida de qualquer valor. No entanto, ele lembra que o método psicanalítico propõe que se deixe em aberto aquilo que o paciente diz sobre a verdade objetiva, sendo a realidade psíquica o objeto específico da investigação psicanalítica. Em relação às “lembranças recuperadas”, Scarfone ressalta que as lembranças infantis mostram os primeiros anos da forma como aparecem nos anos posteriores, quando foram despertados. Dessa maneira, a lembrança não seria, portanto, o objeto final da busca, mas sim o modo como os desejos inconscientes embarcaram nesse processo. A memória não seria um simples depósito, onde se encontram “documentos” que foram ali depositados e permanecem intactos. Trata-se de um sistema vivo, em que ocorrem sucessivas transcrições. Em relação

às “falsas lembranças”, Freud afirmou a preponderância da fantasia sobre os eventos reais, assinalando que a fantasia prevalece quando a experiência pessoal da criança é insuficiente para lhe permitir captar o sentido daquilo que observa. Freud explica a presença dessas fantasias por uma via filogenética, tema criticado por Jean Laplanche, que retoma e desenvolve as inscrições e traduções sucessivas. O autor chega, assim, às mensagens enigmáticas, percorrendo os próprios conceitos de implantação e intromissão e a presença inevitável do outro na realidade psíquica do sujeito, além das consequências que daí decorrem na clínica psicanalítica.

4. “Algumas questões sobre o inconsciente encravado: conteúdos, organização e possíveis mudanças”, artigo de Alberto Luchetti escrito em 2006, levanta questões a partir do texto laplancheano “Três acepções da palavra ‘inconsciente’ no âmbito da teoria da sedução generalizada”, relacionadas com a proposta de Jean Laplanche de integração de uma tópica da clivagem à tópica freudiana clássica. Incluo aqui uma síntese das questões propostas por Luchetti, permitindo que o leitor busque as demais considerações do autor em seu texto, assim como as respostas de Laplanche aos questionamentos realizados.
 - a) Podemos utilizar a imagem do “corpo estranho interno” para o inconsciente recalcado e também para as mensagens implantadas ainda não traduzidas ou para as mensagens intrometidas?
 - b) Qual é a diferença entre os conteúdos do inconsciente encravado e aqueles do inconsciente recalcado, que perderam sua função de referência e que somente representam a si mesmos?
 - c) Pode-se pensar que, enquanto no modelo proposto por Christophe Dejours, a possibilidade de franquear o limite da clivagem parece passar pela parte externa e exigir um trânsito pela capa consciente, no modelo de Jean Laplanche, o limite da clivagem pode ser franqueado,

por exemplo, quando se engrena um novo processo de tradução, não sendo necessário uma passagem pela consciência?

- d) A reativação dos conteúdos do inconsciente encravado pode produzir-se como efeito de um encontro com a realidade que se sobrepõe à barreira da recusa?
- e) As diferentes partes e os diferentes conteúdos do inconsciente encravado estariam desprovidos de toda a relação e de toda coordenação, como proposto por Freud a propósito do inconsciente recalado?
- f) Quais características da mensagem comprometida podem impedir a tradução?

5. No artigo “Para fazer trabalhar a tópica laplancheana”, escrito em 2006, José Carlos Calich comenta que o texto “Três acepções da palavra ‘inconsciente’ no âmbito da teoria da sedução generalizada” mais uma vez mostra o trabalho constante de tradução, destradição e retradição característico da obra de Jean Laplanche. No artigo comentado por Calich, surge uma nova formulação tópica em um aparelho unificado pela coexistência de fenômenos neuróticos e não neuróticos, sendo o inconsciente encravado um dos conceitos mais significativos propostos nesse momento, inconsciente formado por mensagens que sofreram um fracasso radical de tradução, mensagens ainda não traduzidas, à espera de tradução ou à espera de uma nova tradução. Essa formulação reforça o modelo da teoria da sedução generalizada, reiterando a passividade infantil frente ao sexual do outro. A partir das propostas do texto de Laplanche, surgem perguntas e reflexões de Calich, que, entre outros temas, questiona-se: O que determinaria um tempo de espera após a mensagem que vem do outro ficar primeiro no inconsciente encravado? Todas as mensagens não traduzidas funcionam como se fossem “intromissões”? Poder-se-ia pensar em um diálogo com o pensamento de Bion no que diz respeito à destinação de elementos beta, que corresponderia à destinação

de mensagens absolutamente não traduzidas ou que perderam sua tradução? As mensagens não traduzidas, mantidas “sob a pele”, podem ser reencontradas no mundo exterior, perturbando a percepção que se tem dele? Na sequência do texto, temos as considerações de Laplanche aos questionamentos de Calich.

6. A proposta central do artigo de Lorenza Scardó Zardo, intitulado “Inconsciente encravado. Breve história e estado atual de um conceito tardio de Jean Laplanche” e escrito em 2024, é acompanhar o pensamento de Laplanche desde a teoria da sedução generalizada, na busca de uma maior compreensão das patologias não neuróticas. O recorrido desde a sedução freudiana e a recuperação da sedução generalizada por Laplanche leva este autor ao encontro entre a criança e o outro, à situação antropológica fundamental, às mensagens enigmáticas e ao processo tradutivo. A partir dos efeitos da “implantação” e da “intromissão”, surgem novas hipóteses: ao lado do inconsciente sexual recalcado, o inconsciente encravado — um novo sistema onde estaria o intraduzido. É, ainda, preciso levar em consideração que a tradução que está na origem do inconsciente e do eu também se encontra na origem das patologias não neuróticas. Lorenza marca a tentativa de Jean Laplanche de constituir uma teoria unitária do psiquismo, tendo como base comum a situação antropológica fundamental e a sedução, sem romper com a unidade do pensamento freudiano nem com o inconsciente sexual — uma teoria na qual ambos os fenômenos possam comunicar-se entre si. Lorenza afirma que cabe a nós, psicanalistas, continuarmos retomando seu trabalho no campo psicanalítico a partir de nossas construções teóricas e vivências clínicas.
7. No trabalho “Alianças inconscientes e transmissão traumática”, Gleyse Gonçalves Martins de Paula e Cristiane Pilar Lago têm como propósito elucidar os aspectos envolvidos na transmissão traumática

entre gerações e refletir acerca das alianças psíquicas que se fundem a partir dos enredos familiares (conhecidos ou não). As autoras traçam um percorrido bastante amplo, no qual articulam teses de diferentes autores a conceitos caros à psicanálise. Ao longo de suas narrativas, elas levantam várias discussões e, entre elas, comentam como se daria a transmissão inter e transgeracional do material não transformado e não simbolizado entre seus membros. Gleysse e Cristiane também propõem que o setting analítico é, por excelência, o espaço em que se torna possível que as vivências traumáticas entrem no registro das palavras, a partir da representação e simbolização do que, até então, operava como “buraco negro” no aparelho psíquico.

Boa leitura a todos!
Kenia M. Ballvé Behr